

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PEDAGOGIA



1290002786



FE

TCC/UNICAMP So89s

Os sentidos da militância na criação e implementação do Cursinho DCE-UNICAMP

Autora: Cláudia Oliveira Souza

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Fonseca de Almeida

CAMPINAS

2005

200606229

UNICAMP - F. E. - BIBLIOTECA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PEDAGOGIA

**Os sentidos da militância na criação e implementação do
Cursinho DCE-UNICAMP**

Trabalho de Conclusão de
curso apresentado como
exigência parcial para a
formação em Pedagogia na
Faculdade de Educação da
Unicamp.

Autora: Cláudia Oliveira Souza

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Fonseca de Almeida

CAMPINAS
2005

UNIDADE	FE
Nº CHAMADA	12312006
V	
TOMBO	2786
PROC	12312006
C	X
PREC	
DATA	24/03/06
Nº CPD	2786

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Souza, Cláudia Oliveira.
So89s Os sentidos da militância na criação e implementação do cursinho DCE – UNICAMP / Cláudia Oliveira Souza. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Orientadores : Ana Maria Fonseca de Almeida.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Curso Pré-Vestibular. 2. Educação. 3. Ensino Superior. I. Almeida, Ana Maria Fonseca de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-004-BFE

*“Eles não sabem , nem sonham,
Que o sonho comanda a vida,
Que sempre que um ser humano sonha
O mundo pula e avança
Como bola colorida
Entre as mãos de uma criança”.*

Antonio Gideão

Agradecimentos

Este trabalho que aqui se encontra apresentado como resultado é fruto de um longo e significativo processo de aprendizagem. E o que eu gostaria de registrar é o quanto esse processo contribuiu para minha formação, pois o isolamento não propicia produção de conhecimento, mas a interação gera amadurecimento.

Esses são os agradecimentos àqueles que tornaram possível esse percurso.

Aos meus pais, Eudes Oliveira Souza e a Damiana de Jesus Oliveira Souza, por terem feito o impossível se tornar possível não medindo esforços e abrindo mão de muitas coisas ao meu favor e a favor do meu sonho. Obrigada, amo vocês.

Aos meus irmãos Carmilucia, Cleudes e Everaldo que sendo privados da oportunidade de uma trajetória escolar prolongada permitiram que ela fosse possível a mim. Vocês são um exemplo de dignidade e luta pela vida.

A Profa. Dra. Ana Maria Fonseca de Almeida, a quem pude chamar simplesmente de Ana, mais do que uma orientadora competente, dedicada e generosa na partilha do conhecimento, foi grande incentivadora desse trabalho acreditando na minha capacidade, e o mais importante, me fazendo acreditar também. Obrigada Ana por me permitir “pintar a ponta do rabo do cavalo”.

Durante a graduação conhecemos muita gente e alguns encontros ficam marcados pra sempre. Um encontro que levarei comigo aconteceu no 1º dia de aula quando conheci a Ana Paula, amiga compreensiva, companheira com quem compartilhei os melhores e os piores momentos da passagem pela Unicamp.

As amigas Kimi, Val, Rô, Débora, Luana, Carol Moraes e Mariana pela companhia e apoio.

Ao Reginaldo e a Elaine que sonharam esse sonho junto comigo.

As amigas de república Bete, Elaine, Gláucia, Giselle, Juliana e Paloma pela convivência que me fez crescer e me tornar mais aberta as diferenças de idéias.

À Fapesp pelo apoio financeiro sem o qual essa pesquisa não teria se desenvolvido.

Resumo

Este trabalho focaliza o grupo de estudantes que criaram o cursinho DCE-UNICAMP no ano de 1995, se propondo a aprofundar a análise das trajetórias sociais e escolares desses indivíduos, com a intenção de reunir elementos constitutivos que orientaram a experiência de criação e implementação do cursinho. Um primeiro objetivo que tem guiado esse trabalho diz respeito a entender porque se tornou possível, no espaço educacional brasileiro, uma prática pedagógica, que tanto pelos seus pressupostos, quanto pela sua implementação e, finalmente, pelos seus resultados, está em oposição à prática pedagógica que orienta o funcionamento da “escola conservadora”, no sentido dado a essa expressão por Pierre Bourdieu. Para compreender o caso desse cursinho em particular, a hipótese explorada é a de que sua criação e implementação foram possíveis pela associação entre um projeto de trabalho e uma militância. Nessa lógica, o engajamento dos envolvidos é atribuído às transformações do militantismo estudantil (que permitiu que certas formas de intervenção no espaço social pudessem ser vistas como ações políticas legítimas) e, por outro lado, à conjuntura econômica do período, especialmente ao desemprego do jovem (que transformou o trabalho nos cursinhos populares numa forma vantajosa de primeira inserção no mercado de trabalho para os jovens em vias de terminar uma graduação).

Palavras-chave: cursinhos populares - militantismo – jovem - educação

Sumário

<i>Introdução</i>	08
<i>Capítulo I - Mudanças estruturais no sistema educacional</i>	15
1.1. Os cursinhos populares	17
1.2. A busca pela democratização do acesso- cursinhos populares como movimento social	18
<i>Capítulo II – O cursinho DCE-Unicamp</i>	20
1. Preparar para o vestibular: difundir práticas culturais legítimas e levantar a auto-estima.	21
<i>Capítulo III – A militância e o jovem da década de 90</i>	28
1.1. Mudança de pauta no Movimento Estudantil	28
1.2. Recriando a militância	34
1.3. A reinvenção da utopia	36
1.4. A busca por novas formas de atuação	41
1.5. Cursinhos populares como porta de entrada no mercado de trabalho	44
1.6. Novo e importante fenômeno social	47
<i>Considerações finais</i>	49
<i>Bibliografia</i>	51
<i>Anexos</i>	53

Introdução

Após cursar toda a minha escolarização em escola pública, queria prestar vestibular na UNICAMP. Não tinha muita idéia do que isso significava, mas queria tentar. Sabia que seria improvável conseguir passar pelo tipo de ensino médio que fiz, então, para tentar me preparar, seria necessário fazer um cursinho pré-vestibular.

No entanto, a renda da minha família era insuficiente para arcar com a mensalidade, que na época estava em torno de 300 reais. Uma professora na escola havia nos falado sobre um cursinho de alunos da UNICAMP que oferecia bolsas para pessoas pobres, mas ela alertara de que era necessário fazer uma prova para entrar. Resolvi arriscar. Lembro-me de que havia muitas pessoas no dia da entrevista socioeconômica e também no dia da prova, que foi realizada no Ciclo Básico da Unicamp. Existia todo um clima de contexto universitário, começando pelo título dado à prova pelos organizadores, “Vestibulinho”.

Após participar do processo seletivo, consegui uma bolsa que cobria 100% do valor da mensalidade. Isso não resolveu todas as dificuldades. Era difícil chegar até lá todos os dias por causa das despesas com transporte e porque o cursinho, localizado no centro de Campinas, ficava muito longe da minha casa, em Monte Mor. A bolsa, no entanto, ajudou muito.

O início das aulas foi aguardado com muita ansiedade por mim. Não sabia muito bem o que seria um curso pré-vestibular. Encantamento, essa é a palavra que melhor descreve meu estado nos primeiros dias de aula. Os professores eram descontraídos, muito diferentes dos meus professores da escola, davam aula brincando, às vezes fazendo palhaçadas mesmo. Eu nunca havia ouvido falar de tantos assuntos diferentes ao mesmo tempo, havia coisas sobre as quais eu até mesmo jamais ouvira falar. No entanto, logo

após esse deslumbramento veio a dura realidade. Percebi que quase todo o conteúdo que era passado como uma “revisão” era novidade pra mim. E, assim, foi que tomei consciência concreta das minhas deficiências e de como seria difícil superá-las.

No entanto, acreditar era a palavra de ordem no cursinho. A percepção de que todos os envolvidos naquele projeto acreditavam na nossa capacidade e faziam o seu melhor que podiam para nos ajudar a superar nossas dificuldades, nos fazia acreditar que também seríamos capazes. O fato de muitos dos professores terem sido alunos do cursinho constituía-se em um forte motivador para superação dos medos e angústias.

E era assim, num clima muito familiar e de apoio, que se desenvolviam as mais variadas atividades como: maratonas culturais; visitas a exposições; plantões de dúvidas; oficinas de redação; simulados; sessões de cinema e muitos papos na padaria ou na calçada do cursinho.

O ano passou bem de pressa e com uma grande quantidade de informações para serem deglutidas. Foi um período de muita aprendizagem, até mesmo do funcionamento da estrutura do vestibular, ou seja, de como se fazia às inscrições, de como se davam as escolhas de cursos. Eram informações que podem parecer muito banais, mas que faziam muita diferença para mim que entrei no cursinho sem saber muito bem como eram os trâmites do caminho para o ensino superior.

A vivência no cursinho, assim como minha trajetória escolar, influenciou significativamente minha escolha pela área de Educação. No final daquele ano não havia sido aprovada na primeira fase da FUVEST, mas tinha passado para a segunda fase da Unicamp. Infelizmente não fui aprovada nessa primeira tentativa, por muito pouco fiquei na segunda fase do vestibular. Mas o clima no cursinho era de que valia a pena tentar mais uma vez. Então novamente prestei a seleção conseguindo uma bolsa de 60% inicialmente, mas que foi aumentada para 90% depois dos três primeiros meses de aula. E fiz mais um

ano de cursinho no DCE e fui aprovada nos vestibulares da Unesp e da Unicamp. Escolhi cursar a Unicamp.

Foi assim que o Cursinho DCE entrou na minha história e eu entrei na história do Cursinho DCE.

A construção do problema de pesquisa

Ao chegar na universidade, passado o primeiro momento, comecei a sentir uma sensação de desconforto em relação à população que freqüentava a universidade pública. Era nítido que aquelas pessoas tinham uma situação econômica bem superior à minha e seus conhecimentos pareciam ser bem mais profundos que os meus. Na minha turma, quase 90% das minhas colegas eram provenientes de escolas particulares e me causava muito incômodo a idéia de que aquelas pessoas fossem sair dali depois e retornar para os lugares de onde vieram, ou seja, as posições dominantes. Na minha cabeça, pessoas formadas em Pedagogia numa universidade pública deveriam ter como destino as escolas públicas. Eu me perguntava sobre o meu destino e o destino de pessoas como eu que, de origem popular, chegavam a entrar numa universidade pública de elite como a Unicamp. Eu queria saber se as pessoas das classes populares se comprometiam a retornar o benefício recebido com a passagem pela universidade pública para sua comunidade de origem.

Resolvida a fazer uma iniciação científica, procurava por um objeto de pesquisa que me permitisse explorar essa questão. Depois de várias tentativas, pensei em explorar essa inquietação pessoal examinando quem seriam as pessoas de uma universidade de elite que fariam um cursinho voltado para as classes populares. Minha hipótese era que fossem pessoas que também tivessem vindo de classes populares e encaravam o cursinho como uma forma de retorno social da sua passagem pela Unicamp.

Outro fator que também me intrigava imensamente era a quantidade de pessoas que haviam feito o cursinho e que eu encontrava pelo campus ou mesmo na minha faculdade. Eu estava vendo ali, na realidade, os resultados da passagem pelo cursinho do DCE. Além disso, outros amigos que haviam sido aprovados em outras universidades públicas também relatavam a quantidade de ex-alunos do cursinho que encontravam freqüentemente onde estudavam.

Nesse ponto, apoiada nessas informações ainda pouco sistematizadas e a partir de algumas sugestões de Jean-Pierre Faguer que discutira, como professor convidado, o meu trabalho no quadro de uma reunião do Focus, grupo de pesquisa no qual venho desenvolvendo esse trabalho, passei a construir o meu problema de pesquisa como uma interrogação sobre as condições de possibilidade da existência de uma escola que atendesse de fato os interesses dos grupos populares. Desafiando a teoria da escola conservadora, o cursinho parecia constituir-se num exemplo de situação em que a ação professoral era colocada a serviço das classes populares mais afastadas da escola.

Como entender essa posição não reprodutiva daqueles indivíduos engajados com o cursinho? Como os diferentes sujeitos sociais vinculados a esse projeto construíram uma possibilidade de escolarização para as classes populares, com uma prática bem sucedida de transmissão dos conhecimentos “legítimos” necessário para passar no vestibular, defendendo o acesso de todos a um espaço público, a universidade, e não promovendo a reprodução da ordem estabelecida?

Assim, discutir os condicionantes do comprometimento e do engajamento daqueles que foram favorecidos pela ordem escolar em fazer alguma coisa por aqueles que mais sofrem com essa mesma ordem constitui-se uma questão bastante contundente, já que está voltada para um grupo profissional – os professores – acusados repetidas vezes de operacionalizar a reprodução da ordem social por meio de ações cotidianas. Nesse caso,

focaliza-se justamente uma população de professores formada por uma universidade pública dominante, que explícita e abertamente, engajou-se num movimento pela mudança do perfil do alunado do ensino superior.

Quem são eles? Como qualificar esse engajamento? O que possibilita esse engajamento? Como classificar suas atitudes e ações pedagógicas? Como explicá-las? Em outras palavras, de que maneira foi possível a existência do cursinho DCE-UNICAMP, o primeiro cursinho popular a ser criado na cidade de Campinas? A que processos sua criação esteve ligada?

Essas são algumas das questões que essa pesquisa pretendeu ajudar a responder por meio do estudo das trajetórias sociais e escolares dos indivíduos que participaram dessa iniciativa (estudantes, professores, militantes do movimento estudantil).

Hipóteses

Na busca de compreender o caso desse cursinho em particular, foi explorada a hipótese de que sua criação e implementação foram possíveis pela associação entre um projeto de trabalho e uma militância. Nessa lógica, o engajamento dos envolvidos foi atribuído inicialmente, por um lado, à conjuntura econômica do período, especialmente ao crescimento do desemprego jovem (que transformou o trabalho nos cursinhos populares numa forma vantajosa de primeira inserção no mercado de trabalho para os jovens em vias de cursar uma graduação) e, por outro, às transformações do militantismo estudantil (que permitiram que certas formas de intervenção no espaço social pudessem ser vistas como ações políticas legítimas).

Caminhos da pesquisa

A primeira iniciativa empírica, baseada em entrevistas preliminares, foi de conseguir identificar os componentes da gestão “Identidade” (1994-1996) do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UNICAMP responsáveis pela implementação do projeto. Para isso, realizei uma série de visitas à sede do Diretório com o objetivo de conseguir documentos referentes aos componentes da chapa da gestão do ano de fundação do cursinho (1994) e da implementação do mesmo (1995). A busca revelou-se infrutífera devido à falta de organização dos arquivos do DCE e da não disponibilização desses para exame. Diante disto, procurei os dirigentes atuais do cursinho para tentar localizar eventuais registros e documentos que pudessem servir para a montagem de uma história da instituição. O atual coordenador me forneceu uma cópia de um documento intitulado “Ata de Criação do Cursinho”, registrada em cartório e assinada pessoas que seriam, segundo depoimento do coordenador, os representantes do Diretório e professores que participaram de uma reunião de fundação do cursinho, considerada como ato inaugural. Nesse documento constam 30 nomes. Esse coordenador também me deu algumas indicações para me ajudar a encontrar alguns deles.

As indicações fornecidas pelo coordenador do cursinho acabaram sendo muito vagas e se resumiam a nomes de escolas ou cursinhos onde possivelmente algumas das pessoas poderiam estar. Como não encontrei ninguém, iniciei, a partir dos nomes contidos na ata, uma busca por informações sobre as pessoas usando como ferramenta a internet, sobretudo a base de dados do Currículo Lattes, o *site* de busca *Google*, e a lista de assinantes da operadora de telefonia do estado de São Paulo, a Telefônica.

Com isso foi possível localizar cinco pessoas que fizeram parte do momento inaugural do cursinho. Todas elas concordaram em me dar uma entrevista. A entrevista foi estruturada em torno de três temas principais: (i) como o entrevistado se envolveu com o

projeto (de que forma e em que circunstâncias); (ii) como foram as experiências educativas vivenciadas por esses indivíduos (tanto no âmbito escolar quanto no familiar) e, finalmente, (iii) as percepções desses em relação ao sistema de ensino a que foram submetidos e de que forma tais percepções podem ter influenciado nas tomadas de posição, entre elas as opções pedagógicas e de militância que guiaram seu trabalho no cursinho.

Uma das trajetórias apresentada, do Sérgio Custódio, indivíduo apontado como central no projeto, principalmente na sua fase inicial de preparação, foi traçada a partir do recolhimento de informações de domínio público, além de trechos retirados da monografia de conclusão de concurso apresentada por ele para conclusão do curso de economia na Unicamp.

A discussão apresentada nesse trabalho se apóia, assim, nessas cinco entrevistas, em informações coletadas na imprensa e em dados sobre a recente expansão da escolarização no Brasil. O trabalho está organizado da seguinte maneira: no capítulo I, eu apresento e discuto alguns dados sobre as transformações no ensino superior, apontando a progressiva legitimação da pressão por maior permeabilidade das universidades públicas aos extratos mais desfavorecidos da população. Em seguida, no capítulo II, eu traço a história do cursinho procurando entendê-la no bojo dessas transformações. Por fim, no capítulo III, eu apresento as mutações que permeiam e modificam a militância do jovem na década de 90 como um dos fatores que tornaram possível a criação do cursinho.

Capítulo I

Mudanças estruturais no sistema educacional

O processo de universalização do ensino fundamental, que se acelerou no Brasil a partir da década de 80, acarretou a expansão do ensino médio e, como consequência, um aumento da demanda por ensino superior na década de 90. Repetia-se, assim, embora em diferentes proporções e implicações o mesmo fenômeno que já havia sido observado na década de 60.

Para o que nos interessa aqui, é possível associar o crescimento das discussões sobre “a democratização da universidade pública” com o crescimento do número de estudantes finalizando o ensino médio, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 1-Crescimento populacional a freqüência ao Ensino Médio em alguns anos.

Ano	População Estimada	Crescimento da população com base em 1968	Número de matrículas iniciais	Crescimento da matrícula com base em 1968	Porcentagem da população matriculada (%)
1968*	89.376.000	100	801.075	100	0,90
1978	116.393.100	100	2.519.122	314	2,16
1988	144.427.600	162	3.339.930	417	2,31
1998	158.232.252	177	6.968.531	870	4,41
2001	169.369.557	189	8.983.866	1.121	5,03

Fonte: IBGE/Anuário Estatístico do Brasil 1970/1979/1989/PNAD 1998/2001 apud Bacchetto, 1999.

*Considerou-se o número inicial de matrículas no colegial, o segundo ciclo do Ensino Médio da época.

No entanto, existe uma diferença significativa entre a população que demandava acesso ao ensino superior em 60, provenientes essencialmente da classe média, e a expansão atual, a partir da década de 80, que tem como característica principal, inédita até então, uma significativa representatividade das classes populares.

Na década de 90 presenciamos uma grande expansão de vagas no ensino superior, e, assim como o ocorrido em 60, a expansão de vagas se dá principalmente no setor privado.

Tabela 2 - Crescimento populacional a frequência ao Ensino Superior em alguns anos.

Ano	População Estimada	Crescimento da população com base em 1968	Números de matrículas	Crescimento da matrícula com base em 1968	Porcentagem da população matriculada
1968	89.376.000	100	278.295	100	0,31%
1978	116.393.100	130	1.225.557	440	1,05%
1988	144.427.600	162	1.503.555	540	1,04%
1998	158.232.252	177	2.125.958	764	1,34%
2001	169.369.557	189	3.030.754	1089	1,79%

Fonte: IBGE/Anuário Estatístico do Brasil 1970/1979/1989/PNAD 1998/2001 apud Bacchetto,2003.

A demanda por vagas nesse nível de ensino vem aumentando, como demonstra a tabela, cada vez mais desde a década de 60. Isso é demonstrado por Cunha (2004) que aponta, no entanto, para o fato de que ocorreu um declínio no índice de relação candidato vaga, a partir de 69, não em função da queda na demanda, mas devido o aumento da oferta, pois na tentativa de solucionar o problema da demanda, concentrada na rede pública, o Ministério da Educação permitiu a abertura de numerosas instituições de ensino privadas. Impulsionadas pela demanda de vagas, pelo freio na velocidade de expansão das redes públicas de ensino e, especialmente, pelas normas facilitadoras, as instituições privadas de ensino se multiplicaram em número e cresceram em tamanho, o que não aconteceu com as instituições públicas.

A atual expansão do ensino superior ocorre novamente por meio da rede particular de ensino superior, que foi acelerada no período do governo Fernando Henrique resultando na ampliação do número de alunos atendidos pelo setor.

No ano de 1995 Fernando Henrique encontrou, somando tudo, o ensino superior com 1,2 milhões de estudantes e o deixou oito anos depois com 3,5 milhões, um crescimento de 209% (Cunha, 2004). Na tabela abaixo é possível acompanhar o aumento no número de vagas oferecidas durante o período de 1995-2002.

Tabela 3: Graduação Presencial - Distribuição Percentual do Número de Vagas nos Processos Seletivos, por Categoria Administrativa - Brasil 1993-2003

Ano	Total	Pública	%	Privada	%
1993	548.678	171.627	31,3	377.051	68,7
1994	574.135	177.453	30,9	396.682	69,1
1995	610.355	178.145	29,2	432.210	70,8
1996	634.236	183.513	28,9	450.723	71,1
1997	699.198	193.821	27,7	505.377	72,3
1998	803.919	214.241	26,6	589.678	73,4
1999	969.159	228.236	23,5	740.923	76,5
2000	1.216.287	245.632	20,2	970.655	79,8
2001	1.408.492	256.498	18,2	1.151.994	81,8
2002	1.773.087	295.354	16,7	1.477.733	83,3
2003	2.002.733	281.213	14,0	1.721.520	86,0

Fonte: MEC/INEP/DAES

Apesar do aumento da matrícula, o que se observa é que o atendimento ocorre de maneira desigual. Entre 1993 e 2003, como mostra a tabela, ocorreu um crescimento de 446% no número de vagas oferecidas pelo setor privado enquanto as instituições públicas apresentaram um crescimento de 163%.

A seleção realizada leva alguns grupos sociais a obter representação majoritária nas carreiras mais disputadas, enquanto outros, na sua maioria, ficam relegados a um ensino superior de baixa qualidade. Porém, mesmo assim, aqueles que ingressam nesses cursos pouco valorizados acreditam que a qualificação, ou melhor, o diploma conquistado produzirá melhores oportunidades de colocação no mercado de trabalho e oferecerá uma oportunidade de ascensão. E é nesse contexto que surgem e se proliferam os cursinhos populares.

1.1. Os cursinhos populares

O surgimento de cursinhos populares vem se intensificando desde o início da década de 90. Algumas iniciativas surgem no bojo da grande profusão de movimentos sociais de reivindicação de direitos civis que nascem na década de 80. Trata-se de um

fenômeno que está claramente associado ao aumento da demanda por vagas na universidade, vinculando-se, por isso, ao debate sobre os destinos da universidade pública brasileira e a gratuidade do ensino. Os cursinhos populares surgem como consequência desse período em que um maior número de estudantes pobres, começa a obter o certificado do ensino médio, devido à expansão do oferecimento desse nível e passa a almejar o superior.

Em linhas gerais, tais cursinhos definem-se por oferecer uma preparação para o vestibular a essa população. Isso significa aulas cotidianas a preços módicos ou mesmo gratuitamente, centradas nas competências exigidas pelos vestibulares, na maioria dos casos, aqueles das universidades públicas.

1.2.A busca pela democratização do acesso - cursinhos populares como movimento social

Os cursinhos populares, no entanto, não se limitam à preparação para o vestibular. Como se sabe eles surgem no âmbito de um movimento que passou a questionar o cerne do processo de seleção que dá acesso ao ensino superior.

Embora ainda não seja possível aferir diretamente o impacto causado por essas reivindicações por falta de estudos mais amplos, é notável que, nos últimos anos, a questão foi projetada na esfera pública. Dentre as propostas apresentadas algumas se destacam como, por exemplo, a luta pela isenção da taxa de inscrição para o vestibular, a gratuidade do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), a reserva de vagas para alunos da rede pública de ensino, ações afirmativas para garantir o acesso da população negra e mais recentemente, embora objeto de debates, o PROUNI (Programa Universidade para Todos). Tais reivindicações aconteceram em passeatas, reuniões e concretizaram-se em várias ações jurídicas.

Então, pode-se perceber, por meio desses debates e das mudanças que provocaram, que o movimento dos cursinhos populares exercem alguma pressão na alteração da configuração do espaço educacional. Eles se consideram porta-vozes dos que estão excluídos do ensino superior, lutando pela inclusão da parcela pobre da população.

Até mesmo os dados dos vestibulares já começam a apontar os resultados dessa interferência educacional. Um exemplo são os dados obtidos pela COMVEST (Comissão Permanente para os Vestibulares da UNICAMP) que, a partir de 2001, incluiu no questionário socioeconômico uma questão sobre frequência ou não a cursinhos “alternativos-comunitários”. A porcentagem de vestibulandos vindos dos cursinhos populares é significativa, uma média de 9% dos inscritos e dos aprovados, e se mantém estável até os dados do vestibular de 2005. Porém, o mais curioso é que, nesse período, em termos das características econômicas dos ingressantes na UNICAMP, nota-se que houve um aumento importante na população com renda familiar entre 1 e 5 salários mínimos (de 8,4% em 2001 a 18,4% em 2004)¹.

Alguns trabalhos estão sendo produzidos sobre essa população que consegue ser aprovada nos vestibulares. Apesar de ainda ser uma produção tímida, ela já aponta os resultados de uma década, aproximadamente, da intensificação da atuação dos “cursinhos populares”. Essencialmente, esses trabalhos indicam que o impacto os cursinhos tem sido substantivo (Dauster, 2003; Rueda, 2004).

¹ A UNICAMP, a partir do Vestibular 2005 colocou em prática sua proposta de ação afirmativa em benefício dos alunos provenientes da escola pública e dos que se auto declararam negros. O questionário socioeconômico do último vestibular sofreu uma alteração na questão relativa à renda. Anteriormente a primeira a opção de rendimento era de 1 a 5 salários mínimos e a atual oferece as opções de 1 salário mínimo, mais de 1 a 3 e de 3 a 5 salários. Somados os vestibulandos que possuem renda até 5 salários mínimos representam 23,7% dos inscritos e 18,2% dos aprovados. Paralelamente, o grupo de renda que mais perdeu alunos na Unicamp nesse período foi o de mais de 30 salários mínimos.

Capítulo II

O Cursinho DCE-Unicamp

De acordo com a “história oficial”, o curso pré-vestibular DCE-UNICAMP nasceu no interior do movimento estudantil da UNICAMP, inspirado no exemplo da ação estudantil do cursinho da Faculdade de Ciências e Letras da USP, com dois objetivos: (i) propiciar à população de baixa renda um curso preparatório de qualidade para vestibulares a universidade pública, criando um espaço inovador na busca pela democratização da universidade pública e (ii) propiciar uma capacitação docente aos estudantes da UNICAMP².

Implementado no ano de 1995 após longas discussões entre os estudantes, representantes do DCE (Diretório Central dos Estudantes) e da reitoria da Universidade, o cursinho iniciou as aulas no mês de março. Foram oferecidas 360 vagas em três períodos (matutino, vespertino e noturno), para as quais se candidataram 1200 candidatos. A seleção dos alunos foi feita por meio de uma prova de conhecimentos gerais (tratada como vestibulinho na fala dos entrevistados) e de análise socioeconômica. Um Conselho Administrativo, com participação de professores do cursinho e coordenadores do DCE, administrava o cursinho.

Ao se declarar um cursinho como “popular” pretendia-se dizer que suas características diferiam dos cursinhos convencionais. Tratava-se de um cursinho voltado para os grupos de baixa renda. Cobrava, portanto, uma mensalidade bem barata ou isentava o aluno de pagá-la. Além disto, pretendia preparar essa população para os vestibulares mais seletivos do país. Organizava-se, assim, de forma a ensinar pela primeira vez uma série de conteúdos que os alunos não haviam estudado em seus cursos anteriores.

² Texto extraído do *site* da “Cooperativa do Saber”: www.cooperativadosaber.org.br

1.1.Preparar para o vestibular: difundir práticas culturais legítimas e levantar a auto-estima.

A percepção, por parte desses professores, do sistema escolar como fator de conservação social pauta toda uma ação pedagógica que busca desnaturalizar e romper as idéias dominantes no sistema de ensino, que associam performance acadêmica com capacidade individual. Além de propor a democratização da universidade pública, esses professores pretendiam, por meio do cursinho exercer também um papel fundamental na difusão das práticas culturais consideradas características dos grupos dominantes e utilizadas, sem grandes disfarces, como elemento de seleção dos alunos, principalmente no momento de ingresso no ensino superior (Almeida, 2004).

*“E a gente tinha naquela época um problema muito sério de aluno de escola pública que não entrava em universidade pública. Então, naquela época foi muito acentuado isso, que foi um período que a escola pública ela decaiu muito, no final da década de 80 começo início da década de 90, foi quando acentuou essa diferenciação e que vinha muito aluno de escola privada pra cá (Unicamp)”.
(Érica, coordenadora do cursinho DCE-Unicamp no ano de 95).*

Apesar do compromisso em cumprir o cronograma do conteúdo formal o cursinho possuía algumas características que diferenciavam suas práticas pedagógicas das práticas dos cursinhos comerciais. A forma de organização, a elaboração de atividades

desvinculadas do conteúdo formal e o forte investimento na motivação dos alunos são alguns dos exemplos.

“ Havia essa coisa, assim, de fazer gincana, porque o aluno não sabia, vários plantões. Os plantões de dúvida não eram pré-fixados, os plantões eram mais ou menos pré-fixados, eles eram flexíveis, Aconteciam na medida que havia necessidade deles. Havia essa preocupação.

*(...) Trabalhar auto-estima, esse era outro diferencial. Eu lembro assim, que na segunda fase do vestibular da Unicamp eu não aguentava mais nada, eu tava muito cansada. E aí eu lembro que alguns professores entravam na sala, tava todo mundo meio caído, e davam um esporro em todo mundo, falando que ninguém passa no vestibular pela metade”.
(Marinalva, aluna do cursinho no ano de 95. Foi aprovada no curso de Pedagogia da Unicamp e atualmente está concluindo o doutorado na mesma universidade)³*

Na medida em que, a característica dos vestibulares contemporâneos é exigir um posicionamento crítico do aluno diante das questões propostas, buscava-se no cursinho, em todas as atividades desenvolvidas, incorporar no aluno uma visão questionadora da sociedade, elaborando e discutindo temas que não estiveram presentes na educação escolar vivenciada.

³ Entrevista de pesquisa, Campinas 12/06/2005

“Eu tenho a consciência da defasagem que eles traziam e o jog de cintura pra nivelar por baixo e falar o óbvio. As pessoas deixam de falar o óbvio porque acham que é óbvio demais. E eu dizia o óbvio sabendo que muitas vezes ele era novidade pra muita gente ali”. (Cibele Oliveira, ex-professora de redação).⁴

A proposta pedagógica incorporava muitas atividades integradas que buscavam proporcionar aprendizagens de diversos tipos como os plantões temáticos, oficinas de redação, maratona cultural, sarau de poesia, curso de história da arte, o Lanterna Mágica (atividade no sábado a tarde destinada à projeção de filmes para propiciar uma discussão sobre algum tema), visitas a museus e exposições, além de idas coletivas ao cinema.

“ Os alunos ficavam de segunda a a Segunda, porque tinha atividades no sábado o dia todo, tinha atividade no Domingo, a gente fazia atividade pela madrugada. Na madrugada de sábado pra domingo, no caso do Sarau de poesia”. (Cibele Oliveira, ex-professora de redação)

Nesse sentido, o trabalho desenvolvido pelo cursinho ia na mesma direção indicada nos trabalhos que se dedicam a exploração do sucesso escolar das classes populares quando demonstram que esse é devido ao contato com determinadas práticas culturais permitido pelas redes de relações que os indivíduos mantêm.

⁴ Entrevista de pesquisa, Campinas 21/05/05

“A gente fazia muita coisa boa para os alunos. Então, você via que os alunos aprendiam lá no cursinho coisa que eles nunca tinham visto. Eu lembro de alguns alunos que passavam o dia inteiro estudando lá no cursinho. Eles iam para a aula de manhã e ficavam até a noite lá, estudando”. (Érica, coordenadora do cursinho DCE-Unicamp no ano de 95)⁵

Bernard Lahire (1997), por exemplo, mostra que indivíduo constrói a sua modalidade de ação e de comportamento por força das relações interativas das quais faz parte. As redes de circulação, o contato com formas variadas de expressão colaboram para a apropriação de determinadas práticas mesmo que estas não estejam presentes no contexto familiar.

Assim também, em seu trabalho sobre a trajetória de jovens da favela da Maré ao ensino superior Jailson Souza e Silva (2002), aponta como os jovens foram construindo suas escolhas a partir das relações interativas e do contato em contextos variados.

Um outro aspecto fundamental da ação do cursinho era o trabalho desenvolvido com a auto-estima dos alunos, pois estes muitas vezes trazem traumas da passagem pela escola. A sensibilidade demonstrada pelos professores nesse sentido parece ter sido uma grande contribuição para o envolvimento dos alunos com a matéria.

⁵ Entrevista de pesquisa, Campinas 16/09/2005

“ Então você não pode esquecer que aquele aluno que veio da periferia já traz toda uma bagagem. Ele passou por uma escola, que as vezes, gerou bastante insegurança nele, porque ele não fez bem feito um monte de coisa e ficaram buracos”. (Marcos Pélico, ex-professor de geografia)⁶

O estímulo e a transmissão de confiança passados é também uma característica marcante dos professores que atuavam no cursinho. Eles sempre buscavam desmistificar o vestibular e a idéia de impossibilidade de acesso à Unicamp.

“ Era um discurso de auto-estima, de uma injeção de auto-estima. Falar que a Unicamp, apesar do rótulo de centro de excelência enquanto universidade reconhecida mundialmente, não era inacessível a eles, porque não precisava ser gênio pra entrar. A gente tinha que desmistificar muita coisa junto a eles. E nós estávamos ali, todos filhos da Unicamp, mostrando que nós também vínhamos de escola pública, muito de nós estudamos a vida toda em escola pública, e que era possível sim”. (Cibele, ex-professora de redação).

O estímulo e a transmissão de confiança passados é também uma característica marcante dos professores que atuavam no cursinho, segundo as informações obtidas por

⁶ Entrevista de pesquisa, Campinas, 06/05/2005

entrevista. Eles sempre buscavam desmistificar o vestibular e a idéia de impossibilidade de acesso à Unicamp.

“Era um discurso de auto-estima, de uma injeção de auto-estima. Falar que a Unicamp, apesar do rótulo de centro de excelência enquanto universidade reconhecida mundialmente, não era inacessível a eles, porque não precisava ser gênio pra entrar. A gente tinha que desmistificar muita coisa junto a eles. E nós estávamos ali, todos filhos da Unicamp, mostrando que nós também vínhamos de escola pública, muito de nós estudamos a vida toda em escola pública, e que era possível sim”. (Cibele, ex-professora de redação).

O envolvimento entre os participantes do cursinho (professores, alunos, funcionários) era vista como uma relação quase familiar.

“Eu gostava muito da atmosfera de proximidade e cumplicidade que tinha entre os professores e os alunos. Os professores como não recém vestibulandos, mas como pessoas que já tinham passado por aquilo [o vestibular] e justamente entrado na Unicamp, sabiam muito bem do que estavam falando e conseguiam orientar as pessoas no sentido de como abordar essa questão”. (Alexandre Oliva, ex-professor de matemática

Ao propiciar o acesso das camadas populares à universidade, cursinhos populares, como o DCE - Unicamp, demonstram que o problema não é a falta de capacidade do aluno, mas sim a não capacidade do sistema educacional de, metodicamente, garantir a todos, a cultura valorizada pela escola que alguns devem ao seu meio familiar (Bourdieu, 1998). Em resumo, isso mostra de forma bastante concreta que o problema é político.

É isso que me faz acreditar que a compreensão de uma iniciativa como a do DCE-Unicamp exige que se pense nas transformações que ocorreram no movimento estudantil e nas formas de militância nas últimas décadas que, a exemplo de outras instâncias políticas brasileiras, sofreu uma transformação tanto de pauta quanto de práticas políticas. Considerando as tendências de transformação da ação militante, esse estudo procura compreender a tomada de posição dos atores envolvidos no projeto de criação do cursinho por meio da análise de suas experiências educativas e seus padrões de militância.

As entrevistas realizadas demonstraram a existência de dois grupos distintos na criação do cursinho; (i) os militantes do movimento estudantil, grupo no qual surgiu a idéia de criação do projeto; (ii) os professores que foram recrutados para trabalhar no cursinho e, que de certa forma com sua participação e atuação, fizeram a idéia se solidificar.

Capítulo III

A militância e o jovem da década de 90

1.1. Mudança de pauta no movimento estudantil⁷

*“Sou filho de lavrador e costureira. A vida inteira estudei em escola pública. Fui peão de fábrica, na linha de produção da Kodak em São José dos Campos. Cheguei tardiamente à universidade, mas cheguei. A gente tem muitas surpresas ingratas na vida, mas nunca baixa a cabeça. Essa questão de idade é coisa de regras e exceções, de estereótipos abstratos” (Jornal da Unicamp).*⁸

É assim que Sérgio Custódio resume sua trajetória em uma entrevista concedida ao jornal. Ele se formou em economia na Unicamp e foi um dos principais idealizadores do cursinho DCE. Por meio de comentários feitos pelos entrevistados a respeito de Sérgio, é possível aferir sua forte participação no movimento estudantil. Além da participação na criação do cursinho, fez parte de duas gestões do Diretório Central dos Estudantes (DCE) nos anos de 1994 e 1995. Ele é visto pelos entrevistados como um grande entusiasta da militância estudantil.

“O movimento estudantil brasileiro reaparece no cenário nacional como movimento de massas em 1992 para ajudar a derrubar um combalido presidente da república. Com o Fora-Collor, milhares de estudantes caras pintadas saem às ruas e entram para sempre no imaginário coletivo nacional.

⁷ Por não ter sido possível a realização de entrevista com Sérgio, montei sua trajetória por meio de informações disponíveis ao público. Com base em sua monografia de conclusão de curso, matérias de jornais e entrevistas.

⁸ Campinas, agosto de 2001.

Neste ambiente de incentivo real e objetivo à participação política dos estudantes frente às mazelas nacionais, os estudantes da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) não deixaram por menos. Ganha fôlego então, no debate estudantil, para além da crítica acalourada, a necessidade de uma intervenção social concreta dos estudantes sobre a realidade. A idéia presente no meio estudantil de forma avulsa e vaga da possibilidade de se montar um cursinho para estudantes de baixa renda da rede de ensino público é assumido por um conjunto de estudantes que decidem partir para as vias de fato”.

É nesse contexto que se iniciam as discussões dentro do movimento estudantil por novas estratégias de atuação.

“De 1992 até 1995, gastamos preciosos momentos de nossas vidas na Unicamp para criarmos o Cursinho do DCE, que não à-toa, mas com muito trabalho, saiu do papel e virou história nesta amada Universidade”.

“O cursinho DCE-Unicamp e o debate no movimento estudantil que o pariu, num parto difícil, expunha visivelmente um paradoxo: ao mesmo tempo uma visão radicalmente crítica do papel dos cursinhos comerciais, logo sua negação, como velho; e, a pugna pela necessidade objetiva de construção de um cursinho, logo uma afirmação, como novo”.

O cursinho acabava por se confrontar com questões até então tidas como tabu nas práticas estudantis como, por exemplo, a remuneração dos indivíduos que foram atuar nos quadros administrativo e docente.

“Então, se fosse para ser um projeto light de cursinho para fins de benemerência, caridade e tapa-buracos, o cursinho DCE-Unicamp não teria sentido de ser. Do mesmo modo, se fosse para ser uma empresa social, que paga bem e em dia seus funcionários e desfruta no imaginário coletivo, da condição de ser o elevador que vai levar novas gerações de estudantes mais rápido para a Unicamp ou servir como justificativa ao pároco no confessionário por parte da elite estudantil da Unicamp de que ela não apenas desfruta de um privilégio, a universidade pública, gratuita e de qualidade, mas também paga seus pecadinhos sob o sol.

(...) Logo, requer-se dos envolvidos com o cursinho DCE-Unicamp uma aguda reflexão social e muita valentia radical para enfrentar os desafios colocados pela realidade, para que se realize com brio e qualidade o cursinho, assim como para escapar dos cantos de sereias ansiosos e vadios que aparecem pelo caminho, num quadro de disputa vívida e cotidiana com os opressores e seus mil e um disfarces. Dito isso, fica claro que o cursinho DCE-Unicamp não pode ser a ante-sala de um cursinho comercial, um celeiro de quadros administrativos ou docentes para esta indústria. Tampouco pode ser uma ilha, pois deve se imiscuir, se

interar, se envolver, se engajar, se aglutinar, se juntar, aproximar, enamorar, fortalecer toda forma de luta social dos oprimidos brasileiros contra seus opressores, numa relação dialética e dialógica com os oprimidos no meio social em que o cursinho se insere e em todas as suas potencialidades”.

Essa nova configuração de atuação é vista como uma potencialidade para o movimento estudantil e seu fortalecimento.

“(...) Neste sentido, pode operar na direção do fortalecimento do movimento estudantil sendo um pólo atrator de maior importância para o incentivo de que mais e mais estudantes dele participem, ampliando o significado de sua passagem pela universidade, defendendo a universidade pública e de qualidade, negando a universidade operacional e fortalecendo o papel da universidade no ensino, na pesquisa e na extensão articulada com um projeto de desenvolvimento do Brasil”.

Ao avaliar o desempenho do projeto no seu primeiro ano de existência, Sérgio, apresenta o território de atuação do cursinho, colocando-o como uma possibilidade de formação, agregador de conhecimentos mais amplos do que os conteúdos escolares para o vestibular.

“Malgrado os cruéis embates para o seu surgimento, o cursinho DCE-Unicamp, andou na, medida do

possível, nos trilhos em 1995.(...) Soube valorizar debates cruciais para a sociedade brasileira, como o do racismo. Soube se aproximar do ensino público médio de segundo grau e foi até as escolas públicas com suas maratonas culturais de final de semana, soube levar o debate científico disponibilizado na universidade nas figuras de seus pesquisadores para as salas de aula”.

A avaliação final é apresentada como satisfatória para Sérgio, se não for apenas contabilizada apenas a quantidade de aprovações, mas sim o fato do cursinho projetar a discussão sobre o acesso ao ensino superior público e por apresentar uma nova possibilidade de atuação social.

“Se por um lado, o cursinho DCE-Unicamp já aprovaria seus alunos nas universidades públicas nos vestibulares do meio do ano e muito mais deles ao final do ano, sendo cerca de setenta só no vestibular da Unicamp, por outro lado sinalizou, repercutiu, discutiu, um outro tipo de inserção social na realidade brasileira para uma juventude muitas vezes refém do individualismo e do narcisismo como comportamento social adequado. O episódio que merece destaque neste sentido, é a fundação, com participação de ex-alunos do cursinho DCE-Unicamp e da comunidade da Vila União em Campinas, do cursinho Hebert de Souza que funciona no próprio bairro”.

Atualmente Sérgio é o coordenado do MSU (Movimento dos Sem Universidade). Um movimento que promove cursinhos populares na cidade de São Paulo e tem se estendido aos demais estados. O MSU nasceu a partir de uma palestra de Dom Pedro Casaldáliga em que Sérgio estava na platéia.

*“A imprensa pouco atentara para o fato de que, desde 1992, havia uma movimentação entre estudantes visando a criação de cursinhos populares (o primeiro deles consolidado na Unicamp, em 95). Esses cursinhos foram os embriões do MSU, sigla enunciada como protesto por Dom Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia (Tocantins), em setembro do ano passado, na conferência em que recebeu da Unicamp o título de Doutor Honoris Causa. Em sua aula magna, Dom Pedro falou, entre outros temas, sobre os milhares de jovens brasileiros **sem universidade**”.*

Atualmente o MSU tem defendido várias bandeiras na luta pela democratização do ensino superior. Sérgio foi um dos maiores entusiastas da criação do PROUNI, indo debater diretamente com as representações governamentais. Além disso, ele atribui algumas conquistas como as isenções e reserva de vagas à militância do movimento.

1.2.Recriando a militância

Como diz Sérgio, o movimento dos “caras pintadas” no ano de 92 pelo *impeachment* encheu de entusiasmo os militantes do movimento estudantil. A iniciativa de um grande número de jovens indo às ruas, fazendo passeatas, se manifestando trouxe a indagação sobre um possível renascimento do movimento estudantil no país. No entanto, esse momento caracterizou uma oportunidade para que fosse percebida uma mudança nos interesses juvenis elucidando as profundas mudanças na configuração dos próprios jovens que compunham a manifestação. A juventude brasileira dos anos 90 se destaca pela heterogeneidade e isso faz com que os movimentos juvenis organizados entrem num processo de autoquestionamento e reestruturação (Mische,1996).

Segundo Mische, se por um lado as redes de convivência juvenil se dispersaram, por outro lado as redes de militância se multiplicaram, se cruzaram e se entrelaçaram com a emergência de novos espaços e fóruns de participação. Considerando a comentada crise de representatividade no movimento estudantil, esses novos espaços representam um desejo de militância, pois os estudantes vêm que as lideranças estudantis têm outras preocupações que eles não entendem como suas: as da força política, do controle do aparelho e, às vezes, da promoção pessoal,. Por isso, ele exige como questão ética o apartidarismo das entidades.

“O movimento estudantil em si não é ruim. Eu acho que o que faz ser ruim são algumas pessoas que se profissionalizam ali, profissionais do movimento estudantil. Isso é uma coisa que eu acho que desvirtua um pouco. Mas aí tem a questão de também querer colher frutos políticos, realizações, que também

me incomodam (...). (Alexandre Oliva, ex-professor de matemática).⁹

Ao identificar o movimento estudantil principalmente como uma briga de posições políticas que desvia tempo e energia das tarefas principais, elaboração e ação efetivas nas áreas mais próximas a seus interesses, os jovens se afastam. No entanto ao identificar propostas coerentes e que se identificam com seus anseios sociais de atuação estão dispostos a se aproximar e participar como é possível observar no trecho abaixo:

C- Já tinha tido algum contato com o movimento estudantil?

A- “Não, não tinha. Na verdade eu tinha muito preconceito como o movimento estudantil (...).

C- E não foi difícil lidar com isso? Afinal era o movimento estudantil que tava organizando o cursinho.

A- “Ah! Mas assim, até digo. Até de coisas ruins podem fazer coisas boas. (...)A idéia era boa, era linda a idéia”.

Acredito que a iniciativa da criação do cursinho seja tributária das transformações da pauta, das práticas e estratégias do movimento estudantil na última década. Nesse sentido a criação do cursinho pode ser entendida como um projeto – gestado entre os militantes do movimento estudantil da UNICAMP – tendo como objetivos: primeiramente, concretizar uma iniciativa que visava minimizar as barreiras de

⁹ Entrevista de pesquisa, Campinas 11/05/2005

acesso à universidade pública (uma vez que esse movimento de cursinhos populares passou a questionar o cerne do processo de seleção que dá acesso ao ensino superior no Brasil) e, em segundo lugar, propiciar um espaço de formação docente para os estudantes universitários. É inquestionável a importância desses militantes na projeção do debate sobre a democratização do ensino superior na esfera pública. Apesar da relutância dos militantes do movimento estudantil em me concederem entrevistas falando sobre a história do cursinho DCE, atitude essa que pode ter origem nas acusações sofridas¹⁰ pela chapa que compunha o DCE na época da fundação do cursinho, é incontestável o papel fundamental desses indivíduos na realização do projeto.

1.3. A reivenção da utopia

Marcos, antropólogo e ex-professor de geografia do cursinho DCE, é originário de Cássia, cidade do interior de Minas Gerais. No momento da entrevista estava prestando concurso no Instituto Rio Branco, atualmente sobrevive dando aulas particulares de inglês. Marcos é o mais velho de três irmãos, filho de pai dentista e mãe assistente social.

Sua escolarização começou cedo freqüentando um Jardim de Infância particular estudando depois, até o primeiro ano do ensino médio, em escola pública. Segundo o relato dele sua vida escolar sempre foi muito tranquila, não apresentando dificuldades em ter um bom desempenho e atribuindo isso ao fato de ter a mãe sempre presente e o auxiliando em suas tarefas escolares.

Como complemento da formação escolar e visando aumentar as chances de competição por uma vaga numa boa universidade, ou seja, as públicas, os pais se

¹⁰ Alguns componentes da chapa que compunham o DCE na época de fundação do cursinho foram acusados de desvio de dinheiro, compra de bens para uso particular e da apropriação de direitos autorais da apostila desenvolvida pelos professores do cursinho (que teria sido vendida sem o conhecimento dessas pessoas para um cursinho comercial da cidade).

utilizavam da estratégia de transferência dos jovens para escolas particulares em outras cidades. E foi assim que Marcos concluiu seu ensino médio em uma grande escola do interior de São Paulo, o COC de Ribeirão Preto.

Marcos se candidatou aos vestibulares da USP, Unicamp e Unesp, foi aprovado na USP e na Unicamp, optando por Economia na Unicamp. Após cursar o primeiro ano não ficou satisfeito com o curso e prestou novo vestibular para Ciências Sociais na mesma universidade.

Ao dispensar a ajuda dos pais no segundo ano de faculdade em decorrência do não entusiasmo desses pelo novo curso, passou a trabalhar como pesquisador da fundação SEADE, mas a renda não estava sendo suficiente para se manter. É nesse contexto que ele entra em contato com um cartaz no campus anunciando a criação do cursinho DCE e o recrutamento de professores para o mesmo.

“(...) Eu tava passando no campus ali e eu vi um papelzinho dizendo que tava se formando um cursinho, um cursinho de alunos da Unicamp, e eu tava precisando trabalhar. Eu tava trabalhando na fundação SEADE fazendo pesquisa de rua, ganhando um x de dinheiro, mas eu tava me sustentando já nessa época, tava com 19 anos, 19 ou 20 anos, eu precisava de grana.

Eu também estava numa crise existencial na Unicamp por que eu queria atuar mais. Eu não queria simplesmente analisar a pobreza de longe e com esses rótulos e esses pensamentos que a universidade exige, até pro próprio processo intelectual. Eu queria atuar mais, queria colocar a mão na massa.

Passei dois anos indo pra uma favela em Sousas, eu e mais dois colegas das Ciências Sociais exatamente com essa vontade de tá se envolvendo de alguma forma mais concreta com o povo, com a população, e até mesmo tá podendo contribuir com alguma coisa mediante o fato que nós somos alunos da Unicamp, nós somos, pro bem e pro mal, financiados pela sociedade. Então, eu tava buscando uma contrapartida. Se a sociedade nos paga pra tá lá, é uma educação, assim, vamos dizer, de primeiro nível, o que nós podemos fazer pra tentar interferir nessa ordem social que é problemática? (...) Eu vi esse papel, me inscrevi, né, teve um momento de seleção (...) fui o quarto da lista e eles iam selecionar quatro professores de geografia. Fui na reunião, era pra eu pegar apenas duas aulas, só de geografia do Brasil. Assim não ia dar pra ganhar tanto dinheiro, esperava pegar mais aulas pra poder ganhar mais. Nesse interim surgiu o “problema do carro”¹¹, né. A idéia do cursinho, como eu tinha te falado quando conversamos por telefone, não foi uma idéia minha, nem foi uma idéia dos professores, ela surgiu no Movimento Estudantil.”

Ao tecer uma análise do contexto em que a idéia surgiu no interior do movimento estudantil da Unicamp, Marcos lembra que a palavra de ordem do período era ir contra o neoliberalismo e, segundo ele, a sua geração, principalmente os seus amigos da universidade, eram fortemente influenciados pelas teorias cepalinas. Por isso, apesar de se

¹¹ Como explicado anteriormente os coordenadores do Diretório Central dos Estudantes foram acusados de apropriação indevida de dinheiro do cursinho.

declarar avesso ao movimento estudantil, diz que se identificou com a proposta do cursinho.

"Nunca gostei do movimento estudantil e vou te dizer porque: nunca gostei porque eu achava que eles eram muito arruaceiros. Eles faziam um monte de coisas na Unicamp que eu acho importante, que são manifestações importantes, mas eu acho que faltavam ações. Tinha muita baderna e pouca ação. Então, se você tá querendo ir contra o neoliberalismo, na época a palavra de ordem era ir contra o neoliberalismo, todos nós somos contra o neoliberalismo, o que você tá fazendo? Então, quando você fazia a crítica era muito válido, não tem ação sem crítica, mas tava faltando ação e eu via vários filho de papai morando na moradia com carro, eu falei " perai gente, meio incoerente o movimento estudantil em alguns aspectos, não todos".

(...) Eu nunca gostei muito de entrar no PSTU nem no PT, eu sempre quis uma ação social e me envolvi com eles porque eles já tinham pego essa idéia, como eu falei pra você, a idéia vem do movimento estudantil, vem do DCE e dessa gestão que tava lá, acho que chamava Identidade."

No entanto, quando ocorre o desentendimento por causa da compra do carro e os estudantes que haviam sido selecionados para atuarem como professores começam a demonstrar sinais de desistência por não concordarem com os acontecimentos, Marcos se vê forçado a um envolvimento maior na defesa pela continuidade do projeto.

“Nós abraçamos a idéia. Surgiu o escândalo do carro, vazô no campus (...). Os professores falaram desse jeito: nós não vamos fazer com o DCE. Vamos rachar, vamos fazer um cursinho nosso, porque isso é anti-ético. (...) Nós nos reunimos com alguns professores (...) e nós sentamos para conversar com o DCE, com o escândalo rolando, tendo a seguinte perspectiva, nós vamos fazer o cursinho porque a idéia é boa, a idéia tem esperança, mas nós não vamos dar o poder pra vocês. Vocês não vão controlar isso aqui, vocês não podem controlar isso. Nós vamos fazer um conselho paritário, pra que a gente em conjunto administre o cursinho, porque aí não tem problema.”(Marcos Pélico, ex-professor de geografia).

Dessa forma, foi possível dar prosseguimento ao projeto juntamente com o movimento estudantil. Após uma tentativa de racha entro os professores, onde alguns acabaram saindo, foi necessária uma rearticulação do corpo docente com um novo recrutamento porque as aulas teriam início em pouco tempo. Marcos reafirma sua não satisfação em se aproximar tanto do movimento estudantil, mas diz que apoiou o DCE para que o projeto existisse.

C: Você quer dizer que gostavam da idéia do cursinho independente de gostar das idéias do DCE?

M: “Independente do DCE. Veja bem, uma coisa é a visão, você tem uma visão. O cursinho em si é interessante? É. Porque? Vamos dizer, na área de educação ele é a solução? Porque o ideal era não ter cursinho, o ideal seria uma escola

pública boa, mas já que não tem, já que a gente não vai fazer assim varinha de condão e criar essa escola pública boa, então, vamos tentar fazer um cursinho com mensalidade mais barata pra quem não tem condições de pagar um COC, um Anglo, venha fazer com a gente, inclusive com mensalidade zero, não paga nada, bolsa integral, para que essas pessoas possam ter uma chance.

(...) Havia alguns atritos, algumas diferenças que ao longo desse ano, foi o primeiro ano de existência, esses atritos e essas diferenças iriam cada vez mais se acentuar”.

1.4 Busca por novas formas de atuação

A década de noventa é apresentada como um momento de grandes transformações no cenário juvenil, principalmente no estudantil, em relação às formas de participação social e política. Para compreender essa nova configuração da juventude e sua participação torna-se necessário uma análise das mudanças nas relações sociais e as reformulações político-culturais que influenciaram essas transformações.

O modelo tido como exemplo de militância política trazido do movimento estudantil da década de 60, que representava um modelo de participação de “estudante”, ou seja, o movimento estudantil, concentrava na identidade de “estudante” o espaço de oposição visível e organizada, fazendo com que as redes de relação estivessem relativamente restritas e delimitadas ao ambiente universitário (Mische, 1999).

Três décadas depois uma mudança crítica é que as universidades – e o movimento estudantil – já não se constituem como centros da vida cultural e política juvenil. Segundo Spósito (2000), o esgotamento de algumas formas de luta que

caracterizavam o período de redemocratização e mesmo as dificuldades que marcam hoje a capacidade de mobilização de alguns setores antes tidos como combativos, por exemplo, o movimento estudantil, produziu um afastamento da sociedade civil dessas entidades representativas.

No caso do movimento estudantil, podemos imaginar que o fato desse manter-se arraigado ao debate político, quando atravessamos, no Brasil, um momento histórico de democracia e, portanto, de relativa liberdade política, reduz a participação e adesão dos estudantes em geral que contam agora com os partidos, instâncias clássica de escoamento da participação política nas sociedades democráticas. Além disso, com a abertura de espaços alternativos para participação política o movimento estudantil perde seu monopólio na mobilização juvenil.

Os segmentos juvenis vêm sendo caracterizados, nas últimas décadas, pela extrema acentuação de seus traços individualistas e pela apatia política. No entanto, a militância política entre os jovens hoje possui novos significados que não podem deixar de ser interpretados. Um aspecto muito importante para a análise desse tema é a existência de uma nova postura em relação à política e formas de participação

Para uma melhor compreensão das novas formas de participação torna-se necessário considerar o surgimento de outros modos de relação com o campo da política, as quais imprimem novos significados à própria noção de participação ou de militância. Na sociologia europeia o tema das mutações no militantismo vem sendo investigado desde o final da década de 80. E pesquisas realizadas nos países europeus, na década de noventa, confirmaram certas tendências como o afastamento - mas não a negação - dos jovens em relação aos sindicatos; a desconfiança em relação aos partidos; e a busca por uma política sem rótulos tradicionais que designam posições de direita e esquerda (Muxel, 1997).

“Sempre fui por opção muito apolítica (...)”.
(Cibele Oliveira, ex-professora de redação)

A busca por uma política sem rótulos, como mostra Muxel (1997), no entanto, não caracteriza uma desistência da luta política. Um determinado tipo de engajamento político persiste entre os jovens. É certo que com nuances diferentes, e sobretudo invocando uma concepção do engajamento que já não tem mais muito a ver com os usos militantes do passado (décadas de 60 e 70), mas não há um recuo do terreno de ação política.

Reconhecendo isto, Spósito (2000) aponta que muitas práticas inovadoras ainda não foram suficientemente conhecidas ou investigadas. Destaca que a modalidade que emerge com maior frequência tem sido um certo associativismo em torno de ações voluntárias, comunitárias ou de solidariedade, compreendendo temas diversos como o combate à exclusão, defesa do meio ambiente, luta pela qualidade de vida e saúde.

Esses são alguns sinais da existência de vida política organizada numa certa militância juvenil, podendo assim, constituir um terreno favorável ao surgimento de iniciativas como as que deram origem aos cursinhos populares. Tais projetos são fortes indicativos da transformação que Mische (1997) aponta, uma passagem da identidade participativa forte de “estudante” nos anos 60 à nova identidade, complexa e contraditória, de “cidadão” nos anos 90.

1.5 Cursinhos populares como porta de entrada no mercado de trabalho

“Boa vontade sem remuneração não dá certo. O negócio é unir o idealismo com a grana, aí funciona. Não podemos ser hipócritas, a gente precisa se manter”. (Marcos Péllico, ex-professor de geografia)

Isso posto, é preciso notar que apenas o militância não parece explicar completamente o engajamento que deu origem ao cursinho DCE-Unicamp. Todas as discussões preliminares mantidas com pessoas envolvidas no projeto do cursinho, indicam que um dos eixos de debate que perpassava todas as atividades do cursinho nesses primeiros tempos até assumir sua forma atual – cooperativa – dizia respeito à propriedade de se remunerar pelos serviços dos profissionais envolvidos. A decisão, tomada desde a fundação do cursinho, foi remunerar pelos serviços e várias pessoas contatadas na fase preliminar da pesquisa ressaltavam a importância dessa decisão para o seu próprio engajamento no cursinho.

Embora essa percepção da importância da remuneração fosse ancorada, ela mesma, numa perspectiva militante em que a remuneração era percebida como uma garantia de que o serviço prestado aos “excluídos” fosse sério, para mim, a importância atribuída à remuneração parecia indicar que um interesse no “trabalho” e, conseqüentemente, numa “renda” estava envolvido no engajamento dos indivíduos nesse projeto. Vem daí a hipótese da luta por uma inserção profissional como estímulo a esse engajamento.

“(...) Aí vai pagar salário pros professores ou todos os professores vão ser voluntários? Ah não! Tem que pagar pra que o professor se empenhe mais. Então, ficou nessa discussão”. (Érica, coordenadora do cursinho no ano de 95)

Como mostram alguns autores, os jovens vêm sendo atingidos de forma mais intensa pelo desemprego em nossa sociedade e vêm enfrentando dificuldades não desprezíveis de inserção profissional, sofrendo, portanto, um amplo processo de desassalariamento (Pochmann, 1998).

Na tabela abaixo é possível identificar que a maior parte dos desocupados se concentra nas faixas de 15 a 29 anos. Em 1998, essas faixa juntas englobavam 61% dos desocupados, assim distribuídos: 27% entre 15 e 19 anos; 21% entre 20 a 24 anos; e 13% entre 25 a 29 anos.

Tabela 1

Evolução da desocupação			
Faixas etárias	1992 (mil)	1998 (mil)	Variação (%)
Total	6.100	8.770	43,8
10 a 14 anos	490	450	(8,2)
15 a 19 anos	1.615	2.380	47,4
20 a 24 anos	1.350	1.870	38,5
25 a 29 anos	850	1.110	30,6
30 a 34 anos	630	830	31,9
35 a 39 anos	440	660	50,0
40 a 49 anos	450	910	102,2
50 a 59 anos	200	380	90,0
60 anos ou mais	80	160	100,0

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD (1992, 1998).

Deixando ainda mais claro que o problema da desocupação tem se abatido com maior intensidade sobre os jovens na tabela 2 podemos acompanhar o desenvolvimento da taxa de desocupação da PEA (População Economicamente Ativa).

Tabela 2

Taxa de desocupação da PEA

Faixas etárias	1992 (%)	1998 (%)
Total	8,7	11,2
10 a 14 anos	12,5	15,5
15 a 19 anos	17,6	25,2
20 a 24 anos	13,4	17,3
25 a 29 anos	8,9	11,3
30 a 34 anos	7,1	8,7
35 a 39 anos	5,7	7,1
40 a 49 anos	4,1	6,4
50 a 59 anos	3,3	5,1
60 anos ou mais	2,0	3,5

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD (1992, 1998).

A remuneração dos envolvidos no projeto sempre foi uma premissa para o desenvolvimento do cursinho, o voluntariado não era uma possibilidade viável. Nos dados das entrevistas aparece forte a defesa de remuneração pelo que consideram trabalho social. Atuar no cursinho não era voluntarismo, mas sim fonte de renda.

Segundo Pochmann (2000), nas duas últimas décadas do século 20, ao invés do trabalho subordinado, ganha cada vez mais expressão a ocupação autônoma entre os jovens. Por conta disso, o jovem encontra-se diante de uma nova perspectiva profissional.

Spósito (2000) aponta que menos investigadas ainda que as novas formas de associação em torno de questões sociais, têm sido as novas formas de aglutinação juvenil que nascem do mundo do trabalho, ultrapassando os marcos tradicionais da relação assalariada e da participação sindical; dentre elas se destacam o interesse de jovens em formar empresas juniores e as cooperativas de auto gestão solidária.

Esses jovens parecem interessados em criar uma junção entre a vocação profissional e os ideais políticos.

“(...) Ninguém ali, as pessoas que estavam ali, da minha parte, então eu vou falar, eu precisava de dinheiro. É, eu tinha o

idealismo, eu achava o idealismo super importante. É um projeto social, tem meta, que a meta é interferir no destino dos alunos ou promover oportunidades. Mas eu tinha uma questão de sobrevivência, precisava ganhar dinheiro, precisava trabalhar, precisava de um salário, uma coisa básica. Nós acreditávamos, eu pelo menos acreditava, que se fosse completamente voluntário, assim, zero, que não ganhasse nada, a tendência era você não se entregar tanto (...)". (Marcos Pélico, ex-professor de geografia)

O principal desejo é atuar com ações em situações concretas, que cada vez mais parecem estar atreladas às chamadas "causas sociais". As ONGs apresentam-se como uma alternativa viável para conjugar militância e remuneração, assim como as cooperativas.

Por isso, então, a atuação no cursinho está permeada por mais do que apenas a oportunidade de inserção no mercado de trabalho.

1.6. Um novo e importante fenômeno social

Um primeiro olhar lançado aos jovens de hoje pode se deparar com uma questão ainda pouco explorada. A discussão sobre as rotulações acerca do jovem como alienados, participantes, individualistas ou solidários precisa levar em consideração as novas formas não convencionais de participação. É necessário considerar como determinados marcos culturais de uma época são ou não partilhados por jovens de uma mesma geração.

Os jovens engajados em trabalhos sociais perfazem uma pequena minoria entre os jovens de hoje. Contudo, mesmo numericamente reduzidos, não deixa de indicar

um novo modelo de atuação social. O risco da comparação com formas tidas como “tradicionais” de militância deixa-se de perceber novas possibilidades do presente. Embora as ações dos jovens de hoje não possam ser pensadas como politicamente corretas, podem ser pensadas como “solidariamente” corretas. Na verdade consiste num outro modo de aproximação, bastante relacionado com as formas de se fazer política nos dias atuais. Os mais recentes movimentos sociais reúnem pessoas que desejam uma ação pontual para lograr efeito imediato: repercutir na imprensa e ser lançado na esfera nacional.

As formas de participação da juventude de hoje representam o espírito do seu tempo. Os jovens, por meio de atividades culturais e experimentos sociais, podem trazer para a agenda pública a questão dos sentimentos e contribuir para mudanças de mentalidade. Trata-se de compreender os efeitos políticos dessas formas de fazer política que não se caracteriza por um discurso político articulado como das gerações passadas (Novaes, 1998).

Considerações finais

"Portanto, o novo e o velho estão presentes na forma pela qual os jovens fazem política, para cobrir a dimensão da busca e da criação de sonhos das novas gerações".

(Janice Tirelli Ponte de Sousa)

A pesquisa buscou responder questões que interrogassem sobre as condições sociais que tornaram possível, no espaço educacional brasileiro, para uma nova melhor forma de compreensão das novas formas de militância dos jovens estudantes. Focalizando o cursinho pré-vestibular popular DCE-Unicamp, criado pelos estudantes da Unicamp em 95, foi possível analisar e verificar que, ao contrário de uma certa idéia difundida em alguns estudos, os jovens continuam encontrando formas de militar politicamente.

As referências de participação política se recompõem em lógicas que nem sempre são fáceis de identificar, os discursos dos jovens sofrem as consequências de uma ruptura com a cultura política entre as gerações, caracterizando gerações diferentes, que querem atuar no mundo social também de forma diferente. No entanto, mesmo em meio a muitas divergências foi possível a junção desses atores em torno do mesmo objetivo: propiciar as classes populares o acesso à universidade pública.

Esse trabalho permitiu mostrar que talvez, ao invés de questionar por que os jovens não participam politicamente, fosse interessante que os pesquisadores procurassem criar novas lentes capazes de capturar as novas formas de participação e o sentido da militância política. Por outro lado, foi possível também perceber as contradições existentes no contexto juvenil, principalmente no estudantil. É importante ressaltar que a emergência de novas temáticas na pauta dos movimentos juvenis, não se faz sem antagonismo, porém,

mais que antagônicas essas novas práticas são complementares aos formatos de participação já existentes e oferecem a uma boa parcela de jovens estudantes, um importante espaço de socialização política e de prática militante. O surgimento de novas formas de ação e expressão, não significa que as práticas anteriores tenham sido excluídas do campo da militância estudantil.

Bibliografia

- ALMEIDA, Ana Maria Fonseca de. *Língua nacional, competência escolar, posição social*. In Almeida e al. *Circulação Internacional e Formação Intelectual das Elites Brasileiras*, Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- ALVES, Marco Aurélio. *Cursinhos populares do município de Campinas (1995-2004)*. Iniciação Científica, Faculdade de Educação/UNICAMP, 2004.
- BOMBACH, Luciane. *Tu, jovem nefasto: lendas e fabulas sobre a situação socio-ocupacional juvenil na região metropolitana de São Paulo*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Economia/UNICAMP, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A., CATANI, Afrânio (Org.) *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CUSTÓDIO, Sérgio José. *Cursinhos populares: democratização do acesso a universidade e inclusão social*. Monografia, IE?UNICAMP, 1999.
- DAUSTER, Tania. *Uma revolução silenciosa: notas sobre o ingresso de setores de baixa renda na universidade*. ANPOCS, 2003. GT:04.
- MARTINS, Heloísa Helena T. de Souza. *O jovem no mercado de trabalho*. In Juventude e contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação nº 5 e 6. São Paulo: ANPED, 1997.
- MISCHE, Ann. *De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política*. In Juventude e contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação nº 5 e 6. São Paulo: ANPED, 1997.
- MUXEL, Anne. Jovens dos anos 90: à procura de uma política sem “rótulos”. In Juventude e contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação nº 5 e 6. São Paulo: ANPED, 1997.
- NOVAES, Regina R. Juventude e participação social: apontamentos sobre a reinvenção da política. In Helena Wendel Abramo, Martia virginia de Freitas, Marília Spósito (organizadoras). *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez, 2000.
- POCHMANN, Márcio. *Emprego e desemprego juvenil no Brasil: as transformações nos anos 90*. Campinas: CESIT/UNICAMP, 1998.
- _____. *A batalha pelo primeiro emprego: as perspectivas e a situação atual do jovem no mercado de trabalho brasileiro*. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.
- QUADROS, Waldir José de. *O desemprego juvenil no Brasil dos anos noventa*. Campinas: Cadernos do CESIT nº 31, 2001.

RUEDAS, Sílvia Maria Dias. *O acesso à universidade e a educação básica: cursinhos pré-vestibulares para quê? Uma experiência em Jandira*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação/USP, 2004.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. *Revista Brasileira de Educação* nº.13 São Paulo: ANPED, 2000.

Anexos

1. Ata registrada em cartório com os nomes dos participantes da implementação do cursinho DCE-Unicamp.

Doc. I
CARTÓRIO PRIVATIVO DE REGISTRO DAS
PESSOAS JURÍDICAS - CAMPINAS-SP.
MICROFILME N.º 6374-0

Registro Civil das Pessoas Jurídicas

Rua Coronel Quirino, 1021 - CEP 13.025-001 - Campinas - SP
Fone: (0192) 51-4666 - Fax: (0192) 51-4008



ILMO SR. OFICIAL DO 1º REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS JURÍDICAS

Alexandre Abdalla Araújo, abaixo assinado,
(nome por extenso)

Brasileira, solteiro, Av. Santa Isabel nº 1125, M12A
(nacionalidade, estado civil, profissão, residência, rua e nº, R.G. ou CPF)

19.326.866

representante legal da sociedade civil Diretório Central dos Estudantes da UNICAMP

com sede à rua Euclides da Cunha nº 71 - C. Postal 6012 - CEP 13083-970

nº 016 Univ. Zeferino Vaz, requer de V.S. seja Registrado
(bairro) (registrado, averbado, arquivado)

o (a) incluso (a) ATA DE ASSEMBLÉIA DE PROFESSORES DO CURSO
(Estatuto, Contrato Social, Alteração, Distrato, etc...)

PRÉ-VESTIBULAR DCE-UNICAMP, (autorizando, desde já,
o CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL DE PESSOAS JURÍDICAS desta comarca, a elaborar o extrato dos atos relativos a esta so-
ciedade junto à Imprensa Oficial do Estado, conforme o art. 121 da Lei Nº 6.015/73, responsabilizando-me pelas despesas efetuadas.

REGISTRO(S) ANTERIOR(ES)

Campinas, 08 / maio / 1995

Nº _____

Glauber C. G. G.
(Representante Legal)

COORDENADOR GERAL

B.C.E.-UNICAMP

- INSTRUÇÕES:**
- Fazer em 2 vias e reconhecer a firma em todos os casos.
 - Para registro ou alteração de estatutos relacionar toda diretoria com a qualificação completa e prazo do mandato.
 - Para registro de qualquer alteração mencionar sempre os números dos registros anteriores.
 - O Cartório poderá se encarregar da feitura e publicação de extrato.
 - Estatutos devem ser vistoriados por advogados.

ATA DE ASSEMBLÉIA DE PROFESSORES DO CURSO PRÉ-VESTIBULAR DCE-UNICAMP

Aos oito de abril de 1995 foi realizada na Casa de Cultura do DCE-UNICAMP uma assembleia de professores do Curso Pré-Vestibular DCE-UNICAMP nos termos da "Ata de Reunião extraordinária do DCE de 25/03/95".

Esta assembleia por mim presidida contou com a presença da Coordenação Geral do DCE e 17 professores de um total de 25, o número é superior a dois terços conforme manda o Regimento do Curso Pré-Vestibular DCE-UNICAMP (Segue anexa a lista total de professores, e a lista de presença).

A pauta de discussão era a indicação dos três titulares e seus respectivos suplentes, representantes dos professores no Conselho de Administração, e após o debate foram indicados os seguintes nomes, respectivamente vinculados:

TITULARES:

Adauto Donizetti de Paula, RG 17292874
Elias Batista da Silva Jr., RG 2635633838
Fábio L. S. Petrarolha, RG 19232185

SUPLENTES:

Andréa Regina Simeira Silva, RG 3248280
Sílvia Helena Vital do Prado, RG 18081210 117/3262-2913
Marcos Pélico Ferreira Alves, RG 25990372-3

Nada mais sendo decidido foi encerrada a assembleia.

Campinas, 08 de abril de 1995.

Alexandre Abdalla Araújo FÍSICA OK
Alexandre Abdalla Araújo - Coordenador Geral DCE-UNICAMP

117/3289-7198
alexapfi.unicamp.br

Sergio José Custódio - Coordenador Geral DCE-UNICAMP

Marcela de Sousa - Coordenadora Geral DCE-UNICAMP

Adauto Donizetti

Paula

Andréa Regina

Silvia

Elias Batista da Silva Júnior

117/3284-5216

117/3289-5831

CARTÓRIO
DAS PESSOAS
ELVINO
Rua Cel.
Aprese
Apont
Mad
u

1º. TABELA DE NOTAS-CAMPAGNONE

RECONHECO, por semelhança a firma de:
ALEXANDRE ABDALLA ARAUJO
CAMPINAS
PAGO R\$XXXXX, 04 de Maio de 95
ROBERTO RUSSO - ESCRIVÃO HABILITADO
021418/00509874296754-2

ROBERTO RUSSO
Escrivão Habilitado

3

[Signature]

Silvia Helena Vital do Prado

[Signature]

Fábio Lacerda Soares Petrarolha

(19) (11) 3262-3435

[Signature]

Marcos Péllico Ferreira Alves

(19) 3232-5504
Antônio Lopes
milenarml@hotmail.com
Ma. Bie

Milena Ribeiro Martins

[Signature]

Ivani Rodrigues Silva Mendes

[Signature]

Cibele Oliveira

+ (19) 3232-4916

Ana Cláudia Suriani da Silva

Cláudio Alvarez Ferreira

[Signature]

André Luis Bueno do Prado

[Signature]

Roberto de Alessandri

[Signature]

Marcelo Dotti

[Signature]

Luis Claudio de Campos

[Signature]

Leandro

de Amorim

(19) 3234-9123

[Signature]

Al

[Signature]

Olivia

estdica.unica.p.21

96229720

Luis Claudio
claudio@campus17@yahoo.com.br

CARTÓRIO PRIVATIVO DE REGISTRO DAS
PESSOAS JURÍDICAS - CAMPANAS - SP.
MICROFILME N.º 163447

maia gomes g... ..

Silvia Helena Vital do Prado

R. Sousa
Cassio Roberto Junqueira de Sousa

111 5083-3545

Luiz Augusto dos Reis

A. Bombad

UNIFEI

Antonio José Faria Bombad

Ricardo Faria

Gilberto Ubida Leite Braga

glbraga@fclfp.usp.br
subavaliador

Frederico Morato de Carvalho
Frederico Morato de Carvalho

(19) 3255-0971

Denilson Stefanelli
Denilson Stefanelli

Méson Jundiaí

2. Cayawaa 1763 Op 22
S. Paulo - Perdigão

Luciana Franco Dias

(11) 9504-1233

Erica Valeria Alves

Coordenadora Geral do Curso Pré-Vestibular DCE-UNICAMP

evalres@ud.usm.l

11 97937344

Paulo André Bezerra Lima

Paulo André Bezerra Lima

Coordenador Adjunto do Curso Pré-Vestibular DCE-UNICAMP

CARTÓRIO PRIVATIVO DE REGISTRO DAS
PESSOAS JURÍDICAS - CAMPINAS - SP
MICROFILME N.º 1 634 40

Cooperativa do saber & cursinho dce unicamp pré-vestibular

convidam você para comemorar seu aniversário de

10 ANOS

Onde: **Cooperativa Brasil** - Barão Geraldo
Quando: **sábado, dia 10/9**, a partir das 21h

Black Music
Fred Jorge
e os Maiorais.
01h

Forró
Zé Paraíba
e banda
Som com DJ 22h
Fred Jorge

Show Bar
Malabarismo
e brincadeiras
com o público

Convites
10 reais na
Cooperativa
do Saber ou
15 reais
na hora